

03-02-2020

## MARIA ISABEL

## Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.  
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Naquela manhã de sexta-feira eu estava escalado para trabalhar nas enfermarias do hospital (sou servidor em uma unidade de Cuidados Paliativos - CP).

Transitando pelo corredor do 6º andar fui surpreendido por um burburinho que vinha de um determinado quarto.

Ao entrar me deparo com uma paciente acamada que chorava e bradava repetidamente: *"eu quero ir embora para minha casa, eu quero sair daqui, eu quero estar junto da minha família..."* Estava acompanhada do seu único filho que amedrontado, também chorava.

Eu, antes de me apresentar, seguro em sua mão e começo a entabular uma conversa, na tentativa de entender tanto desespero... Prontamente ela retruca: *"quem é o senhor, o que veio fazer aqui?"* Eu calmamente respondo: "sou o fisioterapeuta Ernani e estou aqui para lhe ajudar."

Nesse momento seguro mais forte a sua mão.

Ela se surpreende: *"pensei que fosse o psicólogo, desculpa."*

Eu respondo: "fique tranquila, estou aqui para lhe escutar, é minha função também, todos aqui falamos a mesma língua..."

Ela agradece, mas insiste: *"eu quero ir embora..."*

Eu afirmo: "você vai embora, é seu direito." Ela: *"isso mesmo, é meu direito! Eu sei tudo que tenho, eu sei o está acontecendo comigo, eu sei que vou morrer..."*

Nesse momento o filho intensifica o choro.

Ela continua: *"estou sofrendo muito aqui, eu quero ir para casa, se é para sofrer, eu souro em casa, porque o sofrimento em casa é válido!"* Nesse momento, eu que fico surpreendido!

"Sofrimento válido!?" Em toda a minha jornada como paliativista nunca tinha ouvido essa expressão. Olha que sou militante pela causa dos CP, acredito e defendo que o sofrimento vivenciado pelo paciente com doença avançada deverá ser mitigado, cuidado. Surpreso, pergunto: "daria para a senhora falar mais do que entende por sofrimento válido?"

Mais serena, ela responde do alto de uma sabedoria admirável: *"sofrimento válido é assim: estando em casa, eu sei que quando eu chorar vão chorar comigo, quando eu gritar vão gritar comigo e quando eu reclamar vão tentar me ajudar, mas se não for sério, vão reclamar comigo. Aqui eu souro sozinha, aqui acontecem muitas coisas estranhas... Aqui eu souro sozinha, eu e Deus, né? Por isso eu quero ir para casa..."* Lidar com o sofrimento humano na área da saúde é um dos grandes desafios para os profissionais. E o sofrimento no fim da vida ganha especificidades e sutilezas jamais imaginadas e requer uma expertise refinada de quem cuida.

O profissional de saúde deve ter um comportamento ético mediante as sucessivas perdas de quem está morrendo. Em relação a isso, Maria Isabel nos ensina que o sofrimento relacionado à perda da vida tem que ser dignamente **validado**.

Nos ensina que a morte deverá ser recheada de sentidos, assim como a vida deveria engendrar seus significados...

Cuidar de quem está morrendo suscita comprometimento em assistir humanamente corpos e almas que sofrem...

Pacientes em CP, como Maria Isabel, são especialíssimos, eles nos ensinam que não devemos deixar de transitar pelas avenidas de esperanças que são constituintes da vida, nos ensinam que mesmo na terminalidade o espírito pulsa para lembrar-nos o quanto é belo o viver. Esses pacientes nos ensinam que o colorido da vida sempre estará no simples, no singelo, no sutil ... Ninguém no fim da vida está preocupado com a conta bancária, em trocar de carro e nem tampouco com viagens ... A única viagem que os preocupa é aquela para onde a alma possa repousar em paz. Pacientes como professores são habilíssimos, eles são inesquecíveis pelas suas retóricas e didáticas, são especialistas em disciplinas como ódio, raiva, egoísmo, vingança, ingratidão, insucessos, desarmonia, mas também nas de amor, ternura, desapego, gratidão, sucesso, harmonia, perdão, solidariedade, valores etc.

Todas essas formando um tronco comum com a maior das disciplinas: a Vida! Pacientes como mestres são categóricos! Segundo Arantes (2019)...

No final da década de 1960, a psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross causou alvoroço ao falar abertamente sobre a morte e o processo de morrer. Precursora da tanatologia e defensora dos cuidados paliativos, ela criou um método no qual, durante seminários, os pacientes se transformavam em professores dos profissionais de saúde, ensinando-lhes lições ricas e profundas, não apenas sobre a morte, mas especialmente sobre a vida ... (s/p)

O método de Kübler-Ross ganhou o mundo e hoje tem reconhecimento internacional. A sensibilidade e a perspicácia da psiquiatra em escutar pacientes terminais nos possibilitou entender as fases e as tramas envolvidas no processo de morte e morrer. Não é verdade que a morte tem que ser feia, indigna e trágica, ela pode ser digna e transcendente. Kübler-Ross nos ensinou isso através do seu legado (Veja o livro "Sobre a morte e o morrer"). E o que, de mais contundente Maria Isabel me ensinou? Ela me ensinou naquela manhã com sua senioridade libertadora que precisamos presidir tanto a vida quanto a nossa morte. Naquele momento, ela estava presidindo e orquestrando o modo de como gostaria de morrer. Ela queria morrer em casa junto à sua família que **validaria** o seu sofrimento! Ela podia contar com os seus familiares. Daí veio o mais contundente aprendizado: será que em nossos leitos de morte teremos alguém com quem poderemos contar?

Alguém **validará** os nossos sofrimentos?

Obrigado Maria Isabel por incendiar a minha vida naquela manhã, mesmo um tempinho antes da sua se apagar.

♦ ♦ ♦

## Referências

- Arantes, ACQ. Posfácio In: Luz, R.; Bastos, DF. Experiências contemporâneas sobre a morte e o morrer: o legado de Elisabeth Kübler-Ross para os nossos dias. São Paulo: Summus Editorial, 2019.
- Kübler-Ross, E. Sobre a Morte e Morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus familiares, 9ª. ed. São Paulo: Editores WMF Martins Fontes, 2008.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.